

## Ante uma nova guerra

Em Inglaterra, país onde se fazem estatísticas, verificou-se que 82 % dos mancebos de idade militar que se apresentaram às juntas médicas foram considerados incapazes para o serviço por falta de robustez.

Noticiava-nos este facto doloroso um telegrama que *A Batalha* ontem publicou e que provavelmente a muitos leitores passou despercebido.

Dizia ainda o mesmo telegrama que a alarmante falta de robustez da mocidade inglesa decreto tinha por determinante o racionamento a que foram sujeitas muitas famílias, principalmente as da classe operária, durante a grande guerra.

Este telegrama tão simples que passa, perante a indiferença dos leitores, nas colunas dos jornais corresponde a uma realidade dolorosa que é preciso meditar. O facto de se atribuir ao racionamento dos géneros o definhamento duma raça deve ser verdadeiro. Foi a classe operária a mais atingida pela guerra.

Era ela quem fornecia quasi toda a carne de canhão que foi sacrificada em holocausto aos interesses imorais do capitalismo internacional.

Enquanto a mocidade era espatifada na grande sanguinária da Europa, as mulheres e as crianças que ficavam nas suas terras passavam necessidades, sofriam os horrores da fome e da miséria que depauperaram.

E ao lado dessa miséria o rei milião engordava, uma nova casta, a dos novos ricos, surgiu, os banqueiros nadavam em oiro e os governantes em nome dos interesses da pátria — que eram afinal os interesses dessa parasitagem que em sua casa recolhia os lucros do crime — enviavam o povo para a chacina.

O *Matin* também publicou há dias um artigo sobre a guerra, dando os resultados da estatística dos que nela morreram. Foram oito milhões de vidas que se perderam, oito milhões de homens válidos, na força da idade, homens do povo que tudo suporta e tudo paga com a saúde e com a vida.

Os lucros da guerra para os operários foram o depauperamento físico, a fome e a morte. Entretanto, já o capitalismo se apresta para desencadear novo cataclismo no mundo. O Japão e os Estados Unidos espreitam-se; os interesses capitalistas das duas grandes nações aguardam o primeiro pretexto para envolverem o mundo inteiro numa chacina semelhante à de 1914.

E o povo, cujos lucros são o que vimos de expôr, estará disposto mais uma vez a dar a sua vida pelos interesses imorais da burguesia internacional?

As violências fascistas

Dissolveu-se a maçonaria italiana

ROMA, 15 — A Maçonaria italiana resolreu dissolver-se voluntariamente e protestar publicamente contra os novos decretos fascistas que a obrigavam a entregar às autoridades uma cópia dos seus estatutos secretos e à polícia uma lista com os nomes dos seus associados. (R.)

Um congresso de assistência infantil em Lisboa?

Ainda este ano reunir-se-á em Lisboa o Congresso Internacional de Assistência Infantil. O *Scudo* e as *Novidades* falam as dificuldades do país no que diz respeito à assistência infantil, considerando uma vergonha mostrar os estrangeiros o pouco que há.

Não há dúvida que foi uma triste ideia reunir o Congresso em Lisboa. E já se não pode evitar.

No meio disto tudo há uma certa inconsciência... nacional. Quando ai esteve o rei da Bélgica custou a convencer os nossos socialistas da inconveniência que havia em convidar o rei Alberto a visitar o Bairro Social do Arco do Cego, de casas acahadas, com uma insignificância de quinzel e em nada se parecendo com as cidades-jardins para operários que há lá fora junto das grandes fábricas.

Agora faz-se o Congresso Internacional de Assistência Infantil numa terra onde quase todas as crianças andam abandonadas. E os republicanos são capazes de imaginar que as suas instituições de assistência são verdadeiramente modelares.

Mas, mesmo sem congressos internacionais, não faltam quem lá fora figura conhecendo do estado deste país. Haja vista que disse o delegado comunista russo ainda dentro e num jornal português sobre o alzamento dos comunistas de cá e do alzamento do país, do não aproveitamento das quedas de água e do facto de a maioria das companhias serem estrangeiras (nesta parte tão estrangeiras como as próprias Rússia soviética, seu delegado!) e não haver aviação, etc.

O que é necessário afinal não é ocultar as nossas maselas, mas curá-las, criar elementos de progresso. Quando é que isso se fará em Portugal?

## Um governo... monárquico

Querem os leitores saber qual seria o plano económico da monarquia, se agora se proclamassem? Apreciam, pois, então, esta prova do *Dia*:

Alguém que governasse, começava por intensificar a produção, suspendendo o limite das horas de trabalho, aos que se preocupam agora e — justamente — muito mais com o salário que os sustente do que com as tais reivindicações que os desviam.

Também alguém que governasse baniria das leis o revolucionário direito à greve, e, para restabelecer a confiança, acarriava com todos os artifícios cambiais e especulativos bolseiros e evitaria que as classes produtoras se lançassem em luta umas contra

as outras, o que é ferozmente inepto e contraprodutivo. Apelaria para o concurso

de poderoso das forças económicas da Nação, para que, fora de todas as preocupações de exclusivismo político, elas pudessem honrosamente e utilmente colaborar

com o governo do Estado, quer no reequilíbrio do trabalho, quer na manutenção rigorosa da Ordem, contra a qual a fome é

má conselheira.

Quere dizer: estes palermínhas, na altura em que se apresenta com o mais grave aspecto a crise do trabalho, debelavam-na aumentando as horas de trabalho!

Desta forma o patronato estaria em condições de prescindir de muitos mais operários, baixando ainda mais o salário.

Como se isto não bastasse, entendem os monárquicos que devia também ser abolido o direito à greve, que é para mais facilmente os patrões poderem exercer todas as violências e opressões sobre os operários.

Como propaga de restauração monárquica entre os elementos populares, o processo adoptado não se pode dizer que seja dos mais inteligentes.

Nunca se viu espírito mais reaccionário do que representa esse bocadinho de prosa que transcrevemos, para que a preciosidade de se não perca. Monarquia e forças vivas é tudo a mesma coisa, leem todos pela mesma cartilha. Por isso mesmo, o operário, sem para isso precisar de ser republicano, é de alma e coração contra a monarquia e contra todos os manejos dos monárquicos.

E não é só contra os monárquicos. Entre os republicanos há também muito quem sustente essas ideias de retrocesso e desmagnetismo dos operários. São antigos monárquicos que poseram a máscara republicana, para melhor desfazarem os seus intentos. Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

Por este pequenino pano de amostra, se pode aquilatar da filantropia patronal: fácia-se por um lado, para se *cravar* pelo outro, tirando-se os juros e o próprio...

### Não há «bem» que sempre dure

Segundo nos consta, porém, o sr. Azevedo não está disposto a arruinar a sua bôla, a sacrificar o seu futuro; e, de harmonia com este pensamento, ordenou a suspensão da venda dos géneros a que acima nos referimos e o encarecimento, em 100 %, do tal jantarzinho. Para maior vantagem filantrópica, tenciona terminar com a creche.

Ora um grupo de operários e operárias do sr. Azevedo fazem, em cada três peças de pano, *cinco e sete metros de graca...* para não terem a petulância de aceitarem os *favores* de tão incomparável benemérito...

Por este pequenino pano de amostra, se pode aquilatar da filantropia patronal: fácia-se por um lado, para se *cravar* pelo outro, tirando-se os juros e o próprio...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

Já que estamos em maré de filantropia, citemos mais isto: os mestres dum fábrica do sr. Pinto resolvem, por sua livre vontade, fundar uma caixa de pensões para o pessoal que sabendo que aquela reia da indústria textil portuguesa, «não contente com o lucro que obtinha dos seus gestos filantrópicos, resolreu ir mais além...»

Que o «benemérito» está no seu papel, ao contrário dos operários, os quais não devem aceitar choradas esmolas, mas exigir os seus direitos, o fruto integral do seu trabalho...

### Mutualismo que é uma burla

# A educação moral na família

## IV

### A curiosidade das crianças

29 — A curiosidade da criança e a questão sexual

Existe uma curiosidade na criança duma ordem muito especial e muitas vezes inquietante; é a que tem a sua origem no sexo e no instinto sexual.

Curiosidade de saber e instinto de experiência. A criança, com variações individuais determinadas pelo grau da inteligência, do desenvolvimento físico, do estado de sensibilidade, pelas circunstâncias também, e pela natureza das influências sofridas no meio em que vive, experimenta, num momento da sua existência, a curiosidade de saber donde veio e como nasceu. Porque não existiu sempre? Como começou a viver? Primeiro problema proveniente da curiosidade intelectual.

O segundo problema, bem mais perturbador, propõe-se às aspirações obscuras do instinto, do instinto sexual que impõe o indivíduo dum sexo para o indivíduo dum outro sexo.

O primeiro problema depressa se resolve. Está sempre resolvido, melhor ou pior. Pocas crianças interrogam os pais e lhes perguntam como as crianças veem ao mundo.

Poucos pais respondem convenientemente quando a pergunta é feita. Os primeiros são retidos pela timidez e mesmo pela hipocrisia; os segundos são retidos pelo falso pudor, e, sobretudo, pela sua falta de autoridade, pela inaptidão em que se sentem de falar com simplicidade, clareza e dignidade.

Dum lado e outro, portanto, abstêm-se, e é ordinariamente em conversas suspeitas, em tagarelices sujas que as crianças se inscrevem umas com as outras do famoso "misterio" da sua origem.

Quanto ao instinto sexual, ele vai raramente até ao fim, isto é, à união prematura, mas vai muitas vezes até à sua prevenção no vício: o hábito solitário ou onanismo. Pelo que diz respeito à primeira questão, os pais fariam bem em abster-se, nas conversas entre pessoas crescidas, de tópicas alusões a nascimentos, servindo-se de termos ridículos que todos conhecem, e que são muitas vezes o ponto de partida de curiosidades infantis nocivas ou prematuras.

Por outro lado, quando os filhos nos interrogam, devemos responder a verdade em termos medidos e naturais, se nos sentirmos capazes disso. No caso contrário, recorramos aos bons serviços do médico, do professor ou da professora. Quanto à atração sexual, não se trata de a suprimir — coisa impossível — mas de lhe retardar as manifestações, no interesse da saúde e da moralidade da infância primeiro, e depois, da adolescência e da juventude.

Vigiemos os lugares que frequentam e as companhias dos nossos filhos de ambos os sexos; evitemos-lhes leituras nocivas; demos-lhes, à noite, uma alimentação leigera; façam os comer cedo para que não deitarem com o estômago vazio; não lhes demos colchões demasiadamente macios ou demasiadamente quentes; vigiemos o acção dos seus órgãos sexuais, cuja irritação pode constituir um excitativo para o vício; façam os dormir de janela aberta; não lhes cerceemos os exercícios ao ar livre, jogos, marchas, passeios.

A propósito da nudez do corpo, não confundamos o pudor piégas com o verdadeiro pudor. Que nossos filhos aprendam, pois, a olhar o seu corpo sem vergonha, como sem pensamentos inconfessáveis.

E' preciso não perder de vista que a puberdade, dos treze aos catorze e quinze anos é, para as raparigas como para os rapazes, uma idade crítica, um momento difícil, uma "crise" de formação e de crescimento, que exige confiança entre pais e filhos, e, sendo preciso, a intervenção do médico.

E enfim, depois da puberdade, quando o adolescente se torna homem e a rapariga mulher, é necessário prevenir os perigos da aproximação sexual sob o ponto de vista das doenças venéreas, e acudir a segunda contra todas as desgraças da sedução.

Se não estamos seguros de nós próprios a este respeito, ainda uma vez devemos pedir ao médico e aos educadores de nossos filhos um serviço que não será recusado, e que será um serviço precioso e indispensável.

## PARA ACALMAR

### Veio a Portugal um delegado da I. C. que fugiu horrorizado dos seus camaradas

A Internacional Comunista manda de quando em vez a Portugal um delegado com determinação expressa de aniquilar as desinteligências que lavram, desde a sua fundação, no seio do Partido Comunista Português.

Em regra, esses delegados retraem-se do país mal impressionados com os seus correligionários, deixando atrás de si, em vez de calma, de sossêgo, de fraternal tranquilidade, o germe das mais-violentas desinteligências. Culpa dos delegados? Culpa dos comunistas portugueses? Não sabemos. Apenas nos cumpre constatar o facto: as desinteligências aumentam.

Há poucos dias visitou este país o sr. Dupuy, enviado da I. C., que, como os seus antecessores verificou que o partido comunista era uma ficção, que não havia propaganda comunista, nem militantes comunistas. Que havia então? O mesmo delegado comunista, muito lealmente, o confessou numa entrevista que antecedeu ao *Diário de Lisboa*: havia propaganda anárquica, influência anarco-sindicalista.

Carlos Rates, secretário geral do partido comunista apressou-se a declarar na audição da gazeta que as declarações do sr. Dupuy não correspondiam à verdade. Porém, parece que propositadamente para deixar mal o secretário geral do partido, o sr. Dupuy ao chegar a Paris fez declarações que, em síntese, confirmam o que o *Diário de Lisboa* apressou-se a enviar-nos o telegrama que dava conta dessas declarações feitas pelo sr. Dupuy em Paris. Ei-lo:

PARIS, 15. — O sr. Dupuy, delegado francês à terceira internacional de Moscovo declarou ser uma verdadeira loucura tentar implantar o comunismo em Portugal pois nem sequer existe uma ideia perfeita e definida do comunismo.

O sr. Dupuy assistiu ao comício promovido pelo U. S. O. no domingo passado e ficou contente com o número dos operários que a él acorrem. Na terça-feira, em casa de Carlos Rates, realizou-se um jantar de confraternização comunista, com a presença do delegado da I. C. Decorreu mal o jantar, tendo, aos brindes, havido troca violenta de ápaltes.

Parce que o sr. Dupuy, no meio de tudo isto, só levou boas impressões precisamente daquelas que deseja combater à outrance — os anarco-sindicalistas.

## SEMPRE A POLÍCIA

### Uma prisão movimentada que lesa numerosos operários

Quem ontem passasse pela rua de São Marçal, às primeiras horas da manhã, ficaria alarmada com o aparato bético produzido por numerosa polícia.

Procurando inquirir o que se passava fomos informado do seguinte caso: um indivíduo, qualquer, bem cotado em certos meios de destaque, por motivo dum *alcance* de 300 contos tinha provocado todo aquêle movimento.

O mais estranho, é que esse indivíduo é conhecido da polícia, bastando que se procedesse como em casos idênticos, especialmente na prisão de operários.

Dessa estúpida medida resultou que cerca de 8 horas da manhã grande número de operários, quando se dirigiam para as suas oficinas, que ficam no local sitiado, ficaram impossibilitados de o fazer tendo que perder meio dia.

Isto provocou largos protestos, a que se associaram os próprios moradores dos prédios atingidos pelo cerco, pois foi-lhes vedado saírem à rua.

Não foi estranho a este aparato certo "herói" que conhecemos, que, afinal, para prender um homem, fez destacaruma esquadra.

Ah! se fosse algum operário!

Cabe-nos agora perguntar, quem indemniza os operários do tempo que perderam com uma *orde* tan estúpida?

## Mulher ferida pelo marido

No lugar e freguesia de Aljubarro, concelho de Cadaval, reside Maria Ermelinda, casada em segundas núpcias com João Custodio.

Há cerca de vinte meses faleceu-lhe um filho do primeiro marido, tendo a mãe herdado uma pequena fazenda, da qual o Custodio, por várias vezes, tem feito à mulher propostas da sua venda, ao que esta não tem animado. Anteontem voltou o Custodio a insistir com a Ermelinda para proceder à venda da fazenda, mas como ela mantivesse permanentemente a mesma recusa, descurrou-lhe vários golpes com uma enxada, fracturando-lhe o crânio e o braço esquerdo. O Custodio foi preso e a Ermelinda, depois de tratada pelo médico da localidade, foi conduzida a Lisboa, ao hospital de São José, sendo operada no banco e recolhida depois em estado grave à Sala de Observações.

E enfim, depois da puberdade, quando o adolescente se torna homem e a rapariga mulher, é necessário prevenir os perigos da aproximação sexual sob o ponto de vista das doenças venéreas, e acudir a segunda contra todas as desgraças da sedução.

Se não estamos seguros de nós próprios a este respeito, ainda uma vez devemos pedir ao médico e aos educadores de nossos filhos um serviço que não será recusado, e que será um serviço precioso e indispensável.

## Eden Teatro

(Telefone Norte 380)

AMANHÃ: SÁBADO  
PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO  
da fantasia de grande espetáculo em  
2 actos e 17 quadros

## Pic-Nic

a reunião, nas melhores condições possíveis.

Falando alguém comigo sobre este assunto e mostrando-se perfeitamente de acordo com a ideia da reunião, perguntou-me quem a havia de promover, para não dar lugar a que as coisas se esfragassem logo de comêço e tudo resultasse inútil.

Respondi-e é a ideia que aqui deixo à apreciação dos interessados — que a reunião deveria ser promovida

original de Música de ASCENSO BARBOSA

ASCENSO BARBOSA Desempenho de toba a Companhia

e ABREU DE CARVALHO

sob a sua direção e encenação

Direção musical do maestro António Lopes

Iluminação de Sául Ferreira

Montagem de João dos Santos

Cabeleira de Vitor Manuel

Rótulos de José Figueira

Estão já à venda os bilhetes

para as primeiras récitas

## OS PLANOS DO IMPERIALISMO INGLÊS

### Um bloco financeiro internacional contra a Pérsia

A Pérsia encontra-se actualmente numa situação política e financeira muito crítica. O governo nacional Rida Han tem que lutar neste momento não só contra o regime feudal, mas também contra a crise financeira que se agrava dia a dia.

Como o último projecto do orçamento foi rejeitado pelo parlamento por causa do "déficit" que era enorme, agora só há um caminho a seguir: contratar novos empréstimos.

**Os imperialistas ingleses querem transformar a Pérsia numa colónia**

Sabemos que a embaixada inglesa propõe um empréstimo ao governo Rida Han, mas as condições são tanto desfavoráveis para a Pérsia, que se nota logo a desvantagem.

Transcrevemos agora o elogio do nacionalismo, do integralismo monárquico anti-liberal e do próprio sebastianismo:

"Este movimento é eminentemente nacionalista. A vaga filosófica do século XVIII, onde encarnaram os principios políticos e sociais da Revolução Francesa, inundou rapidamente a Europa e subverteu, sem as destruir, as velhas estruturas nacionais. As desilusões democráticas, reforçadas pela vaga espiritualista, fizeram ressurgir o espírito tradicionalista, onde tanto a burguesia quanto os operários se sentem de fato e de direito a tornar um grande livre: a pureza do estilo, o idealismo quente e o acentuado amor patriótico que vibram nela, a nobre serenidade do seu afirmar. Justo é confessar que o pensamento novo deve em parte a sua eclosão, a um núcleo de espíritos brilhantes: António Sardinha, poeta e ensaista, uma das eminentes figuras da nova geração; Hipólito Raposo, Pequito Rebele, Manuel Múrias, Luís de Almeida Braga, Pires de Lima da Fonseca, que deve ter já no prelo um notável romance de sensação, a "Casa do Outeiro", e tóda a cavalheiresca hoste do integralismo lusitano. Mas forá deste núcleo de cultura nacionalista, fervorosamente marcham nos mesmos trilhos o grande romancista Carlos Malheiro Dias, Fidelino de Figueiredo, Alfredo Pimenta, Trindade Coelho e tantos outros, a quem devemos acrescentar quase todo o estado maior da poesia portuguesa: Eugénio de Castro, Correia de Oliveira, Lopes Vieira, Teixeira de Pascoal e Mário Beirão."

O governo persa recusa-se a aceitar as condições inglesas

Desde 1921 que a embaixada inglesa vem promovendo estas condições, mas nenhum dos governos persas as quis aceitar, a pesar de todos os esforços.

Quanto ao governo Rida Han, parece que está disposto a fazer certas concessões e a reconhecer uma dívida de 900.000 libras esterlinas, mas de maneira nenhuma pode aceitar as condições do novo empréstimo que faria desaparecer completamente a independência da Pérsia. Ora como este país não pode viver sem um novo empréstimo, a imprenta do governo, incitada pelos capitalistas americanos, pensa num empréstimo internacional.

Os imperialistas americanos desejariam assim, transformar também a Pérsia numa colónia. Mas a pesar do antagonismo enorme que existe entre os imperialistas ingleses e os franceses a propósito da criação dum bloco financeiro internacional contra a Pérsia, compreende-se que os ingleses estejam de acordo com isso porque aquele país está hoje nacionalmente unido e aliado à Inglaterra reconhece que está perdendo dia a dia o domínio político que exercia na Pérsia.

O governo Rida Han será pois obrigado a contratar um empréstimo internacional.

As fontes de dignidade, assim como todas as riquezas naturais persas passarão para as mãos do imperialismo internacional e a Pérsia transformar-se-há numa simples colónia.

## CARTA DE INHAMBANE

### Um governador que não governa

Inhambane, Dezembro. — Até hoje nada

de proveitos se conhece que o novo governador tenha feito a fim de atenuar as graves dificuldades com que lutam há tempos os agricultores, o comércio e a indústria, dificuldades que se vêm reflectir na economia dos consumidores, pois nada há feito para tornar acessíveis a todos uma infinidade de produtos indispensáveis à vida.

Mas não nos deve isso admirar porque aquilo mais que na metrópole se faz sentir o peso do B. N. U. que tudo manda e domina.

Enquanto o governador nada faz em benefício da população, pratica actos inteligentes como o que vamos narrar: Como fôs chamado a Lourenço Marques a fim de parlamentar com o Alto Comissário, tendo que lhe fugisse o seu "moleque privativo" (rapaz de 12 a 13 anos) que lhe fôs o fato, faga a cama, etc., mandou-o meter na cadeia "para que não ficasse a vadiar".

Isto provocou largos protestos, a que se associaram os próprios moradores dos prédios atingidos pelo cerco, pois foi-lhes vedado saírem à rua.

Não foi estranho a este aparato certo "herói" que conhecemos, que, afinal, para prender um homem, fez destacar uma esquadra.

Mas não nos deve isso admirar porque aquilo mais que na metrópole se faz sentir o peso do B. N. U. que tudo manda e domina.

Enquanto o governador nada faz em benefício da população, pratica actos inteligentes como o que vamos narrar: Como fôs chamado a Lourenço Marques a fim de parlamentar com o Alto Comissário, tendo que lhe fugisse o seu "moleque privativo" (rapaz de 12 a 13 anos) que lhe fôs o fato, faga a cama, etc., mandou-o meter na cadeia "para que não ficasse a vadiar".

Isto provocou largos protestos, a que se associaram os próprios moradores dos prédios atingidos pelo cerco, pois foi-lhes vedado saírem à rua.

Não foi estranho a este aparato certo "herói" que conhecemos, que, afinal, para prender um homem, fez destacar uma esquadra.

Mas não nos deve isso admirar porque aquilo mais que na metrópole se faz sentir o peso do B. N. U. que tudo manda e domina.

Enquanto o governador nada faz em benefício da população, pratica actos inteligentes como o que vamos narrar: Como fôs chamado a Lourenço Marques a fim de parlamentar com o Alto Comissário, tendo que lhe fugisse o seu "moleque privativo" (rapaz de 12 a 13 anos) que lhe fôs o fato, faga a cama, etc., mandou-o meter na cadeia "para que não ficasse a vadiar".

Isto provocou largos protestos, a que se associaram os próprios moradores dos prédios atingidos pelo cerco, pois foi-lhes vedado saírem à rua.

Não foi estranho a este aparato certo "herói" que conhecemos, que, afinal, para prender um homem, fez destacar uma esquadra.

Mas não nos deve isso admirar porque aquilo mais que na metrópole se faz sentir o peso do B. N. U. que tudo manda e domina.

Enquanto o governador nada faz em benefício da população, pratica actos inteligentes como o que vamos narrar: Como fôs chamado a Lourenço Marques a fim de parlamentar com o Alto Comissário, tendo que lhe fugisse o seu "moleque privativo" (rapaz de 12 a 13 anos) que lhe fôs o fato, faga a cama, etc., mandou-o meter na cadeia "para que não ficasse a vadiar".

</div



# A BATALHA

Provocação ou quê?

A polícia proíbe a realização de uma sessão pública e agride operários à saída do seu sindicato.

## INTERESSES DE CLASSE

Os operários mecânicos em madeira perante a sua organização sindical

Os operários mecânicos em madeira, que em 1923 souberam levar a cabo as suas reivindicações passando através todos os sacrifícios, arrostando com a mais altos mísseis, empenhando tudo o que possuíam, mas mostrando sempre no rosto aquela resolução inabalável e aquele olhar de revolta que é dado a um revoltado em luta com o capitalismo, após alcançados os louros da vitória, criminalmente deixaram-se adormecer sobre elas, julgando assim ter conquistado todo o seu futuro. Não tardou, porém, que as consequências dessa sonnolência, se fizessem notar; os industriais bem organizados e sempre de olhos fitos no movimento da organização operária, esperando sempre um ponto mais fraco por onde possam iniciar o ataque, vendo que os mecânicos apóia a sua vitória, não se conservaram completamente organizados de forma a poderem defender-se de qualquer ataque pelos mesmos industriais, e notando ainda que em algumas reuniões convocadas pela comissão administrativa, se fez notar a falta dos camaradas, principiaram os referidos industriais por atacá-los criando uma crise fantástica, alegando a falta de circulação fiduciária e outras coisas mais; alguns até osusam pagar as férias em prestações, aproveitando a melhoria cambial, a qual em nada veio beneficiar as classes trabalhadoras, visto que o custo da vida se conserva estacionário, havendo alguns gêneros necessários à vida que continuam a subir de preço; e não satisfazem esses senhores já osusam falar em baixa de salários e se os operários mecânicos não se preparam dentro da sua secção profissional acorrendo em massa a todas as reuniões, para que sejam convocados, não poderão enfrentar as ameaças dos industriais.

Se assim não for, poderéis estar certos de que as ameaças passarão a duras realidades e então haverá de vos encontrar a braços com os horrores da miséria.

Reparai, camaradas, quão grandes são as monstruosidades que os industriais vos preparam. Ainda é tempo de vos preparardes, podendo assim, não só evitáreis essa horrível fatalidade, mas também alcançar em momento oportuno mais algumas regalias.

Acorrei, pois, em massa às reuniões para as quais em breve seréis convocados, e só assim poderéis evitáreis que a miséria entre nos vossos lares.

JOAQUIM DE ALMEIDA  
(Operário mecânico em madeira sindicato)

## A reorganização dos serviços públicos

Na conferência efectuada entre o presidente do ministério e a direcção do sindicato dos Empregados do Estado, afirmou aquela senhor que até ao fim do corrente mês ia pôr em prática a unificação de categorias e vencimentos e fazer a reorganização dos serviços públicos.

Raros têm sido os governos que ao passarem pelas cadeiras do poder, se não propõem a incumprência daquela reorganização, mas o que desses propósitos sempre resulta todos nós o sabemos e o caos e a desordem que por ai lavram bem o testemunha. Uma vez mais, e de certo com a colaboração das pessoas que nas restantes tem colaborado, se vai fazer nova tentativa, e então, como sempre, se esquece que por melhores que sejam as intenções e mais maravilhosos os propósitos a reorganização dos serviços apenas se realizará a sério quando nela intervirem aqueles que de direito a podem e devem fazer: os delegados dos sindicatos do funcionalismo.

Tem, é facto, o actual presidente do ministério, sobejamente, demonstrado quanto ao passado pelas caderas do poder, se não propõem a incumprência daquela reorganização, mas o que desses propósitos sempre resulta todos nós o sabemos e o caos e a desordem que por ai lavram bem o testemunha. Uma vez mais, e de certo com a colaboração das pessoas que nas restantes tem colaborado, se vai fazer nova tentativa, e então, como sempre, se esquece que por melhores que sejam as intenções e mais maravilhosos os propósitos a reorganização dos serviços apenas se realizará a sério quando nela intervirem aqueles que de direito a podem e devem fazer: os delegados dos sindicatos do funcionalismo.

Existem, aliás, associações de servidores do Estado que, desde a sua fundação, se entregam à árdua e benéfica tarefa de estudar a situação dos seus componentes e dos serviços que lhes estão adstritos; algumas delas, semelhantes, em bem elaborados planos e trabalhos, já por várias vezes o têm demonstrado. Se existem, para que se persiste no erro grave de querer confiar a políticos a solução dum assunto que só os profissionais conhecem? Para que se não confia aos delegados das organizações a solução dum problema que, tam simples sendo, tam complicado se mostra?

Acaso não haveria nisso toda a conveniência para dirigentes e dirigidos? Ou será ainda, o receio de aceitar a colaboração dos sindicatos que obriga a proceder de maneira diversa daquela que a lógica e o bom senso aconselham? Se é, então como se compreendem as palavras do sr. ministro do Trabalho, quando na Voz do Operário criticou a C. G. T. por não querer colaborar com os governos? E nesse caso, o melhor será o funcionalismo público preparar-se para mais uma vez galgar as escadarias dos ministérios e parlamento para, como quem mendiga uma esmola, voltar a ser constantemente enganado, com promessas que nunca se cumprem, como enganado será o governo e o país.

Só quem de perito conhece a desorganização dos serviços públicos pode avaliar quanto difícil seria a qualquer desconfiado organizar-los de forma a torná-los éticos e proveitosos.

Muitas e variadas são as causas do seu péssimo funcionamento, mas a principal reside no critério antiquado e retrógrado das pessoas a quem a sua execução sempre é confiada, pois que elas, guiadas ainda por um espírito sectarista e conservador, fazem sempre obra à sua imagem e semelhança.

Pretendo o governo e duma vez arrumar a questão do funcionalismo! Se pretende com ela o ataque que os ladrazeiros económicos lhe fazem, rodeie-se de quem em logar de o comprometer o auxílio, de contrário falserá a sua missão como a falso Alvaro de Castro e tantos outros. A reor-

## O INQUÉRITO DE "A BATALHA"

Continua provando o absurdo da existência da actual crise de trabalho

Os nossos insistentes apelos aos sindicatos que ainda nos enviam as suas respostas, não deram até agora os resultados que seriam de esperar.

A continuar o indiferentismo dos organismos para quem temos apelado éste inquérito, que em breve tem de se encerrar, ficará incompleto.

### Construção Civil do Barreiro

É do seguinte teor a resposta do sindicato da construção civil do Barreiro:

### Trabalhos por conta do município:

1.º Acabamento da casa situada no Cemitério Novo, destinada a autópsias.

2.º Construção de umas sentinelas públicas em condições higiênicas no mercado municipal.

3.º Acabamento do mesmo mercado (coberto) por se tornar durante o inverno muito prejudicial devido às chuvas, e de risco devido à ação do sol.

4.º Acabamento do lavadoiro municipal

5.º Construção de sentinelas públicas em vários pontos da vila em condições higiênicas.

6.º Transformar as sentinelas existentes no Largo Luís de Camões, em condições higiênicas.

7.º Construção de canos de esgoto em toda a vila, que além das condições higiênicas que traz, tem a vantagem de acabar com a vergonhosa forma como actualmente é feito o serviço de limpeza nesta localidade, de que nos mostra em várias artérias da vila águas podres e dejectos.

Trabalhos particulares:

1.º Dar cumprimento à postura da Câmara Municipal de 21 de Maio de 1924, que proíbe os tubos de queda das águas de aljofras para a via pública, visto já ter terminado o prazo que esta postura estabelece, devendo a câmara no caso de recusa dos proprietários mandar fazer essas modificações por sua conta conforme o estabelecido na já citada postura.

2.º Dar cumprimento ao art. 11.º da postura municipal de 10 de Julho de 1924 apliquando-lhe as disposições do § 1.º do mesmo artigo, que proíbe os degraus junto das soleiras das portas que confinem com a via pública, e obrigar os proprietários desses prédios, a rebaixar os pavimentos dos mesmos, pois que estes ficariam com mais cubagem de ar e portanto em melhores condições higiênicas.

Trabalhos particulares:

1.º Dar cumprimento à postura municipal de 21 de Maio de 1924, que proíbe os tubos de queda das águas de aljofras para a via pública, visto já ter terminado o prazo que esta postura estabelece, devendo a câmara no caso de recusa dos proprietários mandar fazer essas modificações por sua conta conforme o estabelecido na já citada postura.

2.º Reparação de 8 quilómetros da estrada de Borba a Elvas.

3.º Reparação dum ramal de Terrugem da referida estrada.

Trabalhos por conta do Município:

1.º Edificação dumha escola primária para ambos os sexos.

2.º Reparações nas ruas.

3.º Construção dumha fonte de agua potável, visto não existir nenhuma.

4.º Construção dum lavadouro público.

5.º Obrigar os proprietários a alugar as casas que por vingança se conservam desabitadas.

Rurais de Terrugem

Do sindicato dos trabalhadores rurais de Terrugem recebemos a seguinte comunicação:

Trabalhos por conta do Estado:

1.º Reparação de 8 quilómetros da estrada de Borba a Elvas.

2.º Reparação dum ramal de Terrugem da referida estrada.

Trabalhos por conta do Município:

1.º Edificação dumha escola primária para ambos os sexos.

2.º Reparações nas ruas.

3.º Construção dumha fonte de agua potável, visto não existir nenhuma.

4.º Construção dum lavadouro público.

5.º Obrigar os proprietários a alugar as casas que por vingança se conservam desabitadas.

PROPAGANDA SINDICAL

## Uma interessante palestra na Casa dos Trabalhadores de Coimbra

COIMBRA, 14.—Aproveitando a estada nessa cidade do camarário Silva Campos, secretário geral da C. G. T. e seu representante ao comício realizado domingo, de protesto contra a crise de trabalho, baixa de salário e carestia da vida, o Comité de Propaganda da Confederação da Coimbra levou a efeito no dia 13, na Casa dos Trabalhadores, uma palestra sobre sindicalismo, sendo o referido camarário.

A vasta sala da sede dos sindicatos operários tinha regular concorrência. Entre a assistência viam se numerosos académicos. Presidiu Adolfo de Freitas, secretariado Fernando Garcia e Eliseu das Neves.

Depois do presidente em breves palavras ter dito que o Comité de Propaganda Confederal a promover esta palestra sobre sindicalismo, tinha apenas em mira a educação e propaganda sindicalista, tornando conhecido de todos essa doutrina que fatalmente há-de substituir o actual regime, e que tem sido adulterada por aquela imprensa que não comprehende a necessidade do progresso da sociedade, é dada a palavra de que desse mesmo pessoal para tanto.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.

Assembleia geral de Delfim de Sousa Pinto e Porfirio Correia. Comissão revisora de contas—Eugenio de Sousa, Alfredo Luis Nogueira e António Monteiro. Delegados à U. S. O.—José Matos dos Santos e Eugénio Inácio. Delegados à Federação do Livro e do Jornal—Joaquim Bento Henriques e Eugénio Garrido Ferrari.